

A velhice como experiência de liberdade: uma leitura existencial de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles

Gabriela da Silva Oliveira¹ 
Cristina Mascarenhas Silva^{2*} 

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Brasil

² Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) – Brasil

*Correspondência: cristinamascarenhasdasilva@gmail.com

RESUMO

Este artigo propõe uma análise literária dos contos "Feliz Aniversário", de Clarice Lispector, e "A Presença", de Lygia Fagundes Telles, com o objetivo de investigar a percepção da velhice para além do declínio biológico. Busca-se desnaturalizar a visão simplista do envelhecimento, explorando-o como construção social e como experiência de liberdade e agência. A análise fundamenta-se na filosofia existencialista de Simone de Beauvoir, especialmente em seu ensaio *A Velhice*, que orienta a compreensão da identidade em constante renegociação, da responsabilidade e da solidão como espaços de autodescoberta. A pesquisa adota uma metodologia qualitativa de análise textual, com abordagem interdisciplinar que transita entre filosofia, literatura e estudos de gênero. Investiga-se, assim, de que modo as autoras retratam a velhice como processo de reafirmação de autonomia, o corpo como história e agência, e a tensão entre cuidado e controle. Conclui-se que a velhice na ficção brasileira, sob a lente existencialista, está longe de ser passividade: constitui-se como palco de agência, ética e escolhas que moldam a identidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Clarice Lispector
Lygia Fagundes Telles
Velhice
Existencialismo
Literatura brasileira
Agência

SUBMETIDO: 9 de fevereiro de 2026 | **ACEITO:** 29 de abril de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

Quando pensamos na velhice, o que geralmente vem à mente? A imagem quase automática é a de um declínio, um tempo de perdas, de aposentadoria e, muitas vezes, de invisibilidade. Na sociedade em que vivemos, a juventude é um valor quase absoluto, e o envelhecer é, com frequência, tratado como um problema a ser gerenciado ou, pior, ignorado. Mas será que é só isso? Será que a

experiência de envelhecer se resume a uma contagem regressiva, a uma mera biologia que nos impõe limites? São essas questões que nos movem. Para investigar essa temática, voltamo-nos para a literatura brasileira, especificamente para a análise dos contos “Feliz Aniversário”, de Clarice Lispector, e “A Presença, de Lygia Fagundes Telles, respectivamente publicados originalmente nas obras *Laços de Família* e *Seminário dos Ratos*.

Nossa escolha é legitimada pelo debate que tem sido reconhecido em contextos institucionais recentes, como a Prova Nacional Docente (PND) e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que incorporaram o etarismo/idadismo como temática de reflexão crítica, evidenciando sua relevância no cenário educacional e cultural brasileiro.

Buscamos superar a visão da velhice apenas como processo meramente biológico. É nesse ponto que a filosofia existencialista¹ de Simone de Beauvoir entra como um farol, especialmente com o seu ensaio *A Velhice*. Para Beauvoir, a velhice é, acima de tudo, uma construção social e uma experiência de liberdade e reafirmação da agência. Consequentemente, precisamos conceituar:

No intuito de buscar a possibilidade de uma origem do conceito de agência, observamos que desde o século XVII, esse conceito está intrinsecamente ligado à ideia de ação, ou seja, à liberdade de o agente pôr-se a si mesmo. Isso é exemplificado pela noção de contrato social, que destaca a capacidade dos seres humanos de criar, por meio de sua vontade, uma sociedade política. Esses indivíduos apresentam características essenciais, tais como racionalidade, liberdade, intencionalidade e livre arbítrio (Figueiredo, 2025, p.176).

Mesmo diante da degradação do corpo, o humano continua a ser um ser de escolhas, de projetos, de reflexão. A velhice, assim, ganha outra dimensão: a de um campo de batalha existencial em que a identidade é constantemente renegociada, a responsabilidade é reafirmada e a solidão, por mais dolorosa que seja, pode ser o espaço de uma nova forma de autodescoberta.

Já o conceito de agência, a partir de Butler (2018, p.23), parte do questionamento de gênero, se a partir da ideia de que ele é uma construção social, haveria espaço para agência. Por esse fato, é possível compreender a

1 Conforme Penha (1992, p.11): “[...] denominar-se existencialista toda filosofia que trata diretamente da existência humana. O existencialismo, consequentemente, é a doutrina filosófica que centra sua reflexão sobre a existência humana considerada em seu aspecto particular, individual e concreto.”

agência como uma espécie de vontade do eu:

Convencionalmente, a discussão sociológica tem buscado compreender a noção de pessoa como uma agência que reivindica prioridade ontológica aos vários papéis e funções pelos quais assume viabilidade e significado sociais (Butler, 2018, p.34).

Dessarte, Furlin² (2013) teceu a seguinte interpretação do posicionamento de Butler:

Desse modo, ainda que a agência esteja condicionada por essas limitações, ela também pode, até certo ponto, alterá-las. Isso não significa que uma pessoa venha a se libertar totalmente dos limites do poder que a constituiu desde a infância por processos de socialização, ou de reiteração constante (Furlin, 2013, p.398).

Consequentemente, a justificativa para este trabalho reside em desnaturalizar a velhice como decadência, mostrando que ela pode ser um tema de agência, resistência e reflexão ética na ficção. Nosso objetivo é promover um diálogo íntimo entre a filosofia de Beauvoir e a narrativa de duas mestras da nossa literatura: Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles. Ambas, de maneiras muito distintas, mergulham na psique de suas personagens e, nas entrelinhas, revelam um universo de conflitos, desejos e escolhas que persistem para além da juventude. Elas nos mostram que a velhice não é o fim da história, mas um novo capítulo, cheio de ambivalência e vida.

Para esse trabalho, utilizaremos uma metodologia qualitativa de análise textual. O nosso foco principal será a leitura atenta e crítica de contos selecionados das duas autoras, buscando neles as ressonâncias com as ideias de Beauvoir. Usaremos uma abordagem hermenêutica contextualizada. Segundo Josgrilberg (2024), hermenêutica tem o significado de interpretação dos textos para além dos códigos, assumindo uma acepção dialógica textual e cultural. Iremos, desse modo, interpretar as obras à luz dessa filosofia, mas sempre considerando o momento histórico e social em que foram escritas e as especificidades das personagens brasileiras.

A partir da discussão sobre a velhice de Beauvoir e do conceito de agência, compreendemos como a velhice feminina na literatura brasileira é inseparável das

² Embora utilizemos uma edição de 2018, a obra *Problemas de gênero* foi originalmente publicada em 1990. Assim, o artigo de Furlin (2013) constitui uma leitura *a posteriori* do texto base de Butler, justificando a interlocução teórica entre as fontes.

questões de gênero, das pressões sociais e das representações do corpo. Para tanto, passaremos pela construção da autonomia dessas personagens, a sua manutenção ou resignação; o corpo e suas limitações, e como ele se projeta como resistência; o espaço e pertencimento, em que lugar e o porquê isso é fundamental.

Buscamos, dessa forma, os momentos em que as personagens idosas manifestam sua autonomia, lidam com a finitude, renegociam suas identidades em relação aos seus corpos e ao olhar dos outros. Logo, usaremos uma abordagem interdisciplinar que permite transitar entre a filosofia, os estudos de literatura e os estudos de gênero para construir um olhar transversal sobre as obras.

A velhice como construção: Beauvoir e a experiência existencial

Publicado em 1970, o ensaio “A Velhice”, de Simone de Beauvoir, retirou o envelhecimento da invisibilidade por meio de uma abordagem revolucionária. Beauvoir transcendeu a visão do envelhecer como fatalidade biológica, elevando-o ao status de objeto central em análises filosóficas, históricas e sociais.

Do antigo Egito ao Renascimento, vê-se que o tema da velhice foi quase sempre tratado de maneira estereotipada; mesmas comparações, mesmos adjetivos. A velhice é o inverno da vida. A brancura dos cabelos e da barba evoca a neve, o gelo; há uma frieza do branco à qual se opõem o vermelho - o fogo, o ardor - e o verde, cor das plantas, da primavera, da juventude. Os clichês se perpetuam, em parte porque o velho sofre um imutável destino biológico. Mas também, não sendo agente da história, o velho não interessa, não nos damos ao trabalho de estudá-lo em sua verdade. E, além disso, há na sociedade uma determinação que é a de silenciar sobre ele. Seja exaltando-o, seja aviltando-o, a literatura o dissimula em clichês. Esconde-o, ao invés de revelá-lo. Com relação à juventude e à maturidade, ele é considerado uma espécie de referência negativa: não é o próprio homem, mas seu limite; fica à margem da condição humana; nele não a reconhecemos e não nos reconhecemos nele (Beauvoir, 2024, *apud* Araujo Silva Filho, 2025, p.3-4).

Beauvoir, como boa existencialista, força-nos a encarar a velhice como uma experiência visceral. Isso pode soar estranho à primeira vista, já que a velhice é comumente associada a limitações físicas e perdas. Mas é aí que está o ponto crucial: para ela, a existência não se encerra com a degradação corporal. O ser humano, até o último suspiro, continua a ser um ser de escolhas e de responsabilidades. Se as percepções são “embotadas” pelo hábito, se as coisas parecem fanadas e já devoradas pelo passado, não é porque arrastávamos

conosco lembranças demasiado ricas: é porque nossa visão é animada por projetos novos (Beauvoir, 1970).

Assim, podemos até perder a agilidade do corpo, mas a potência de questionar, de projetar-se no futuro, de dar sentido à própria vida, essa agência, persiste. Ela argumenta que a velhice é uma construção social. A sociedade nos impõe o que é *ser velho*, os papéis que são permitidos e, com isso, aliena-nos, rouba-nos a identidade; é o olhar do *outro* que nos torna velhos. É imperativo desmascarar essa construção, e a literatura é um dos melhores caminhos para isso.

Portanto, a partir da leitura da filósofa existencialista, analisaremos como os contos “Feliz Aniversário” e “A Presença” articulam a inevitável perda de certas aptidões das personagens sem renunciar a sua dignidade e da sua capacidade de agir no mundo.

Consequentemente, o corpo envelhecido não é apenas um sinal de decadência; ele é uma história vivida, um campo de experiência que continua a moldar a subjetividade da personagem. A velhice pode trazer isolamento, mas essa solidão não é apenas um fardo, ela pode ser o espaço para uma autorrealização mais profunda e para a construção de novas relações com os outros, baseadas não na utilidade, mas na ética e no reconhecimento mútuo.

Não podemos ignorar, contudo, o corpo. A velhice é uma experiência corporal que impõe limitações, porém, para Beauvoir, essa deterioração física não anula a subjetividade. O corpo pode falhar, mas a consciência persiste. A pessoa idosa continua a ser um sujeito de liberdade, capaz de fazer escolhas, de questionar o mundo e de dar sentido à sua própria vida. A existência, em sua essência, é um projeto em contínua construção, e isso não se encerra com a idade. Por isso, é valioso o conceito de “bela velhice”, sobre o qual tratamos no item “estado da arte”.

Nessa perspectiva, a solidão na velhice, por mais que seja um fardo, pode também ser um momento de reflexão e autoconhecimento. A pessoa idosa, muitas vezes, vê-se isolada de papéis sociais pré-estabelecidos, o que pode abrir um espaço para uma nova forma de autorrealização. Não é sobre a solidão imposta, mas sobre a possibilidade de uma solidão que permite a autodescoberta e a renegociação da relação com os outros, baseada não mais na funcionalidade e sim numa relação de ambiguidade: aquela que reconhece

a liberdade e a responsabilidade tanto em si mesmo quanto no outro.

Para a nossa análise das obras de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, usaremos a teoria de Beauvoir como uma lente de aumento, buscando entender a dinâmica de autonomia *versus* dependência, ou seja, como as personagens lidam com a perda da independência sem perder sua dignidade. Além disso, procuraremos compreender o impacto do olhar do outro, analisando de que forma a percepção social sobre a velhice molda a identidade das personagens e como elas reagem a isso.

Também investigaremos a compreensão de corpo e agência, uma vez que Beauvoir atentou para a ideia de que o corpo envelhecido perdeu a sua produtividade, sendo assim, um limite, mas também questionaremos as potencialidades de experiências adquiridas.

A nossa proposta, portanto, é aplicar esses saberes para revelar como a velhice, na tessitura ficcional de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, mesmo quando retratada com toda a sua dureza e melancolia, é um espaço de desafios existenciais e de escolhas.

Diálogos críticos: a velhice na filosofia e na literatura

É fundamental situar nossa pesquisa no cenário acadêmico e cultural, por isso, constituímos esse item sobre o estado da arte³. A velhice feminina, como já vimos, não é um tema marginal. Pelo contrário, tem sido objeto de estudo em diversas áreas, e a literatura é um campo fértil para essa discussão. O que buscamos aqui é mostrar que nossa pesquisa dialoga com outras vozes, em um esforço conjunto para desnaturalizar a visão estereotipada do envelhecimento.

Um ponto de partida é a concepção de velhice de Silvana Sidney Costa Santos (2010) que, por um viés transdisciplinar⁴, realiza um diálogo da enfermagem com a filosofia. A partir de dados da ONU (Organização das Nações Unidas), o marco da vida idosa são os 60 anos; todavia, é fundamental compreender o ser humano idoso como múltiplo. Somado a isso, a autora percebe uma leitura pessimista da velhice, como em Edgar Morin, por exemplo, e ela visa a tentativa de

3 Estado da arte, na metodologia científica, compreende uma investigação dos trabalhos mais recentes sobre o mesmo tema.

4 A autora opta pelo uso dessa categoria.

um olhar mais abrangente esse período da vida a ser experienciado:

Embora se reconheça a velhice apenas no outro ser humano e não em quem a está vivenciando, ou seja, no eu, no dono do corpo que envelhece, integrado na dimensão temporal da existência, reconhece-se a cada momento e de forma renovada que a velhice parece galgar novos limites. Estes poderão ser cada vez mais altos se o idoso reconhecer-se, aceitar-se e integrar-se à sua família e comunidade, até porque estas ações terminam por torná-lo reconhecido, aceito e integrado por todos (Santos, 2010, p.1037).

Por conseguinte, utilizamos o trabalho de conclusão de curso de Matos⁵ (2021) como ponto de partida para a nossa leitura de Clarice Lispector. Esse trabalho já aponta para a importância da velhice feminina em contos como “Feliz Aniversário” e legitima a nossa escolha dos dois contos como um universo ideal para a nossa análise. A leitura de Matos mostra o envelhecimento feminino, explorando temas como a decadência física e mental, o abandono e o afeto, mas sempre com uma profundidade psicológica que tencionamos desvendar com a nossa lente existencialista.

O processo de envelhecimento ocorre de maneira individualizada e específica de pessoa para pessoa. As mudanças sociais influenciam o modo de envelhecer da “Mulher”; o processo de “envelhecimento” é marcado não somente pelo tempo, mas por fatores físicos e a condição social em que vive cada indivíduo (Matos, 2021).

Já para a análise da obra de Lygia Fagundes Telles, o embasamento foi a partir de um artigo pertinente de Márcia Regina Schwertner e Roseli Bodnar (2019). O trabalho das autoras, que aborda como a velhice é retratada nas obras de Lygia, é adequado para o nosso estudo, pois já se apoia em Beauvoir, o que reforça a relevância da nossa escolha teórica.

O artigo nos dá o ponto de partida para discutir como a autora constrói personagens que se confrontam com a percepção generalista e estereotipada que a sociedade tem da velhice. Usaremos esse artigo para mostrar que o envelhecer em Lygia é uma questão de ética, de renegociação de identidade e de busca por espaço em um mundo que, muitas vezes, nega a existência das

5 Ressaltamos a trajetória interdisciplinar da autora, cuja formação abrange tanto as Letras quanto a Enfermagem. Essa dupla perspectiva enriquece a análise sobre a velhice, demonstrando a relevância de diálogos transversais entre as humanidades e as ciências da saúde para a compreensão do tema.

mulheres idosas. Nele, as referidas estudiosas abordam a questão da velhice da protagonista do romance *As horas nuas*, publicado pela primeira vez em 1989:

A dor de Rosa Ambrósio, necessária em sua voracidade, cresce em importância quando lida como crítica e ruptura. É enfrentamento a um universo social no qual a beleza é jovem e a velhice um tabu marcado pelo medo, não raro mesmo pela repulsa, não há espaço para o ameno quando é nosso o corpo que envelhece. Tão difícil quanto desafiar o preconceito e a aversão do outro é a ação de aceitar que a imagem refletida não é exterior. A idealização do corpo jovem precisa ser desconstruída para que esse outro, o velho que se mostra no espelho, possa assumir sua forma (Schwertner e Bodnar, 2019, p.9).

Por fim, trazemos para a discussão a ressignificação da velhice, com a contribuição da antropóloga Miriam Goldenberg (2025) na obra intitulada de "A invenção de uma Bela Velhice". Ela nos dá um panorama sobre os medos sociais em torno do envelhecimento e confirma nossa premissa de que a velhice não é apenas um tema literário, mas uma questão social e existencial em pleno debate.

'Velho é o outro'. Simone de Beauvoir acreditava que a maior parte das vezes os indivíduos de mais idade só sentem velhos por meio do olhar dos outros, sem terem experimentado grandes transformações interiores ou mesmo exteriores. Velho, para quase todos, é sempre 'o outro'. No entanto, ela alertava: velho não é 'o outro'. Na verdade, a velhice está inscrita em cada um de nós. Apenas assumindo consciente e plenamente, em todas as fases da vida, que nós também somos ou seremos velhos, poderemos ajudar a derrubar os medos, os estereótipos e os preconceitos existentes sobre a velhice (Goldenberg, 2025, p.40).

Goldenberg baseia-se na filosofia de Beauvoir para mostrar que a chave para uma velhice plena é ter um projeto de vida e não se limitar a uma "busca desenfreada" por uma aparência jovem. A antropóloga apoia-se na obra de Viktor Frankl, psiquiatra sobrevivente dos campos de concentração:

O significado da vida é único e próprio de cada indivíduo. As particularidades de cada um, principalmente de seus valores, é que definem o sentido de cada vida. O significado pode ter se encontrado de diferentes maneiras: no trabalho ou na criação, no amor e também na atitude que se tem em relação ao sofrimento inevitável (Goldenberg, 2025, p.56).

Com isso, o estado da arte não é só uma lista de referências, mas um mapa que nos posiciona em um diálogo frutífero com a pesquisa já existente, validando as nossas escolhas e a originalidade da nossa leitura.

Escarro e Libertação: a velhice em Clarice Lispector

Quando mergulhamos em *Todos os Contos*⁶, é impossível não ser fisgado por "Feliz Aniversário". Esse conto é, talvez, o retrato mais visceral da velhice que Clarice nos oferece, e dialoga adequadamente com o estudo crítico que Matos (2021) já realizou sobre o tema.

O leitor se depara com a aniversariante, Dona Anita, com seus 89 anos, e a cena é de uma solidão existencial profunda, mesmo rodeada pela família inteira. É aqui que vemos, com uma clareza que dói, a tensão entre o cuidado e o controle.

A noite entrava e D. Anita ficava ali sentada, imóvel, sem dizer nada, mais cedo tinha reparado nos guardanapos e no movimento dos balões quando um carro passava. Agora seu rosto era impassível (Lispector, 2016, p.180).

Enquanto a família celebra, eles a tratam como um objeto, um troféu antigo. Eles a vestem, colocam-na à cabeceira da mesa, mas não falam com ela; falam sobre ela. É exatamente o que Beauvoir denuncia: a sociedade, por meio da família, transforma o cuidado em controle, alienando a pessoa idosa de sua própria vida. Essa origem, segundo a autora, é histórica e deriva da relação da família patriarcal em que, inicialmente, os pais detinham total controle dos filhos e, posteriormente, a relação se invertia:

A família era patriarcal. O pai era o dono dos rebanhos. Ele exercia sobre seus filhos uma autoridade absoluta, podia vendê-los; muitas vezes livrava-se das filhas. Se o filho insultava o pai ou lhe desobedecia, este o deserdava. Enquanto permanecia vigoroso, o pai tiranizava a família. Tão logo enfraquecia, seus filhos lhe extorquiam seus bens e mais ou menos deixavam-no morrer (Beauvoir, 2018, s/p).

Anita é a "rainha morta", o centro da festa da qual ela está completamente excluída: "[...] Todos olharam a aniversariante, compungidos, respeitosos, em silêncio. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família" (Lispector, 2016, p.185). Além disso, existe um desprezo para com a data de aniversário de Anita:

Alguns não lhe haviam trazido presente nenhum. Outros trouxeram saboneteira, uma combinação de jérsei, um broche de fantasia, um vasinho de cactos – nada, nada que a dona da casa pudesse aproveitar para si mesma ou para seus filhos, nada que a própria

6 O conto analisado faz parte da obra *Laços de Família*. No entanto, usamos todos os contos como fonte para a análise.

aniversariante pudesse realmente aproveitar constituindo assim uma economia: a dona da casa guardava os presentes, amarga, irônica (Lispector, 2016 p.185).

O narrador é implacável ao descrever o corpo da personagem. Mas aqui está a genialidade que a nossa lente existencialista captura: o corpo pode ser um limite, mas a subjetividade se projeta na cena do escarro como fortaleza. O corpo como história e agência é fundamental.

Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta à cabeceira. Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca (Lispector, 2016, p.181).

A agência de Anita não está mais nos seus movimentos, mas na potência do seu olhar. Ela observa aquela *ninhada* de filhos e netos e, em vez da ternura que todos esperam de uma avó, o que ela sente é um ódio primordial, uma repulsa pela mediocridade da vida que ela mesma gerou.

Esse ódio é a sua liberdade. É o que podemos denominar de prazo para a autonomia. No crepúsculo da vida, Anita finalmente se permite enxergar a verdade nua e crua dos "laços de família": "Ela era a mãe de todos. E como a presilha a sufocasse, ela era a mãe de todos e, impotente à cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando" (Lispector, 2016, p.186).

Ela não se resigna. O escarro disparado durante um determinado momento da festa não é senilidade; é a sua última e mais poderosa escolha simbólica e existencial: "Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão" (Lispector, 2016, p.186).

O ato de cuspir é a reafirmação de sua identidade contra um mundo que tentava reduzi-la a um corpo que apenas espera o fim. Clarice nos mostra, de forma brilhante, que a agência persiste até o último suspiro, mesmo que seja na forma de um pensamento silencioso e devastador.

Nós já sabemos que, em Clarice, a velhice não é o tema central, mas uma condição existencial que está sempre por perto, permeando as relações e a interioridade das personagens. Em *Laços de Família*, encontraremos figuras maternas e avós que, mesmo em posições aparentemente secundárias, carregam um universo de reflexões e conflitos internos.

Nos contos de Clarice, percebemos a tensão de forma sutil, em silêncios, em olhares e em gestos que, à primeira vista, parecem triviais e, no conto "Feliz Aniversário", não é diferente, uma vez que a autonomia de Anita como sujeito vem por meio do olhar de desprezo e pelo escarro.

O corpo envelhecido é um tema constante, mas não como um sinônimo de fraqueza. Ele é um repositório de memórias, um corpo que vivenciou, sentiu e, por isso, tem uma agência que vai além do físico. Verificamos como essa personagem de Clarice, mesmo com as limitações físicas, ainda tem uma presença e uma força que se manifesta de outras formas, como na obstinação, na memória crítica ou na sua capacidade de simplesmente ser no mundo.

Nossa contribuição, a partir dessa análise, foi mostrar que a velhice em Clarice Lispector não é uma mera decadência. É um desafio existencial no qual a personagem, mesmo em meio aos *Laços de família* que a prendem, pode encontrar um espaço para a sua própria liberdade, ressignificando seus vínculos e seu tempo. É a prova de que a vida, em sua complexidade, continua a pulsar mesmo no crepúsculo.

O intruso e o espelho: a velhice em Lygia Fagundes Telles

Embora Clarice seja frequentemente lida pela crítica como uma autora intimista, focando nos dramas psicológicos, é fundamental destacar a relevância do aspecto social em sua obra. Nossa leitura busca justamente articular essas duas dimensões: o drama interior e as pressões externas que moldam a subjetividade da velhice. Por isso, nosso olhar para o conto de Lygia pretende articulá-lo com o conto clariceano, aproximando-os pelo viés temático da questão da velhice. O conflito é social, exposto e o corpo se torna um campo de batalha. O conto "A Presença" é uma alegoria muito potente disso, servindo como um contraponto à análise de "Feliz Aniversário".

O conto narra a chegada de um jovem de 25 anos a um hotel que se tornou um refúgio exclusivo para idosos. A história inteira é narrada sob a tensão desse encontro, explicitada pelo longo monólogo do porteiro, que tenta a todo custo dissuadir o rapaz de ficar.

É aqui que observamos a construção social da velhice de forma pungente. O hotel não é apenas um local; é um *sistema*, como descreve o porteiro. Os

velhos uniram-se e transformaram a antiga fragilidade em uma força. Eles criaram um mundo próprio, com regras próprias (silêncio absoluto, comida insípida), para escapar do mundo que os rejeitara: “Mas era um hotel só de velhos, quase todos moradores fixos antiquíssimos, que graça um hotel desses podia ter para um jovem?” (Telles, 2009, p.115). E, em seguida, ao enumerar as doenças que acometem os velhos, o narrador destaca: “A própria velhice já era uma doença” (Telles, 2009, p.116).

Esses apontamentos abraçam a ideia de que a velhice fora sustentada por muito tempo como decadência, como a ausência do sujeito. No entanto, contrastam com a própria força de as personagens viverem em um hotel, de partilharem as comidas sem sabor, o silêncio e do acordo da recusa dos espelhos. A ausência de espelhos funciona como uma metáfora de que o corpóreo não é mais importante ou que o olhar externo sobre si, que já foi abandonado. Essa passagem permite estabelecer um diálogo com a leitura de Penha (1992) sobre o existencialismo de Heidegger:

É a partir dessas considerações que Heidegger estabelece a diferença entre 'estar no mundo' e 'estar no mundo do homem', expressa, em linguagem filosófica, pela distinção, anteriormente referida, entre o ôntico e ontológico. Seu propósito é mostrar que o homem embora diretamente presente no mundo, sem possibilidade nenhuma de isolar-se em alguma outra região, está, apesar disto, acima das coisas materiais que o cercam — e com elas não se confunde. O homem está no mundo, sim, mas distintamente dos objetos. *O homem existe, é uma presença no mundo: ele é o Dasein* (Penha, 1992, p.31-32, *grifos nossos*).

Outrossim, destacamos na citação a palavra presença, que é o título do conto; além de carregar um sentido ambíguo, há também a presença dos velhos em contraste com a do jovem. O objeto espelho encontra ressonância também no conceito do olhar do outro, que em Beauvoir é fundamental para a constituição da identidade: aqui, é o motor da narrativa. Os hóspedes criaram esse sistema justamente para fugir desse olhar. O porteiro conta que eles removeram os espelhos do hotel, as testemunhas geladas, pois a velhice ali concentrada era cruel demais para ser refletida. Eles vivem em um pacto de não-reconhecimento da decadência, exemplificado pela atriz famosa que se esconde dos repórteres ou pelo atleta olímpico que “esqueceu, assim como foi esquecido”. Desse modo, podemos afirmar que não se trata de uma recusa da

vida, mas de um acordo coletivo, de um novo modo de viver.

A presença do jovem é a quebra desse pacto. Ele é o *intruso*, o *outro* em sua forma mais pura. Ele é a encarnação de tudo o que eles perderam e tentaram esquecer: a beleza, o sexo e o vigor. Ele é o espelho que eles haviam removido, a antiga medida de todas as coisas. Sua chegada não é uma visita; é uma revolução da memória.

É nesse ponto que a agência se manifesta de forma potente, alinhada com o que esperamos de Lygia: de maneira dramática e coletiva. A velhice aqui está longe de ser passividade. O porteiro adverte que os velhos não eram bons e que, na luta pela sobrevivência, tornaram-se dissimulados. Existe uma "[...] sabedoria que se afiava na pedra da morte" (Telles, 2009, p.119). A agência deles é a de proteger seu sistema a qualquer custo. O porteiro chega a sugerir, de forma velada, que a comunidade poderia matá-lo: "Mas se nessa mesma piscina coalhada de folhas aparecesse uma manhã seu belo corpo boiando..." (Telles, 2009, p.119). Abaixo, transcrevemos o excerto do conto:

O jovem se animara com a ideia da piscina. Mas se nessa piscina coalhada de folhas aparecesse uma manhã seu belo corpo boiando, tão desligado quanto as folhas? Eles fechariam depressa a porta, devido à correnteza de vento, os velhos não gostavam de vento. E voltariam satisfeitos aos seus assuntos (Telles, 2009, p.119).

O corpo, como antecipamos na nossa fundamentação, é, de fato um "campo de batalha". O conto é um confronto direto entre o corpo jovem e o corpo velho. O jovem, irônico, provocativo, faz questão de exibir o seu, com sua tanga vermelha, nadando na piscina abandonada e sentindo os "pelos dourados de sol". Ele reage à comida insípida (o padrão do hotel) despejando "o sal, o molho inglês, a pimenta" (Telles, 2009, p.121), numa clara rejeição ao sistema dos velhos.

A renegociação do desejo, outro ponto-chave da nossa análise, é o que está em jogo. O jovem representa o amor e o sexo, e sua presença ameaça revolver tudo no sistema que foi construído exatamente sobre a negação desse desejo.

Em "A Presença", Lygia Fagundes Telles nos entrega uma materialização da tese de Beauvoir. A velhice não é um fato biológico, mas uma "construção social" simbolicamente representada num hotel-fortaleza. E essa construção, esse "palco existencial", será defendida com uma agência feroz e uma ética própria, que não hesita em eliminar o "outro", que ameaça trazer de volta a memória do

mundo exterior e a consciência do tempo perdido. O mal-estar do jovem no final do conto ("ele já não se sentia bem") sugere que o sistema dos velhos, sua agência coletiva, começou a agir.

Entre a interioridade e a comunidade: Clarice e Lygia em diálogo

Depois de mergulhar nos contos de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, desembarcamos num ponto crucial. O que eles têm em comum? O que os separam? A nossa análise, pautada na filosofia de Beauvoir, nos permite traçar um diálogo rico entre as duas narrativas dessas duas mestras da literatura brasileira, revelando como a velhice é, para ambas, um espaço de conflito existencial e não de passividade.

Apesar dos estilos distintos, Clarice e Lygia se encontram em um ponto central: a velhice é uma fase de reafirmação da agência e da liberdade. Ambas revelam personagens que, mesmo diante das limitações físicas e das pressões sociais, continuam a ser sujeitos de escolhas.

Em Clarice, essa agência se manifesta na interioridade, na recusa em se tornar invisível, no silêncio que esconde uma vida inteira de reflexões e decisões. É uma resistência sutil, quase inaudível. Já em Lygia, a agência é mais exposta, mais dramática, muitas vezes ligada ao desejo e à revolta contra as normas sociais. Ambas, no entanto, rejeitam a ideia de que o corpo envelhecido é o fim da história da pessoa. Elas nos mostram que a vida e a ética continuam a pulsar.

Outro ponto de contato é a relação com o olhar do outro. Nas duas autoras, a velhice é uma experiência a ser percebida de uma nova maneira, e essa percepção externa molda a identidade. As personagens de Clarice sentem o peso do olhar familiar, que muitas vezes as restringe a um papel de avó ou mãe, negando-lhes a individualidade. As personagens de Lygia, por sua vez, confrontam o olhar social mais amplo, que muitas vezes as reduz a estereótipos de fragilidade ou de decadência, mas elas reagem a isso com uma força surpreendente.

As diferenças entre elas são tão reveladoras quanto as semelhanças. Argumentamos que a abordagem ao corpo é um dos principais pontos de divergência. Em Clarice, o corpo é mais um sinal de interioridade e de memória, que carrega as marcas do tempo, porém não define a pessoa. É um corpo que existe e que sente, mas que não está no centro do conflito. Já em Lygia, o corpo

é um campo de batalha onde o desejo e a sexualidade, muitas vezes reprimidos, chocam-se com as expectativas sociais. No conto de Lygia, a velhice é uma experiência muito mais física e exposta, em que o corpo é um terreno de disputa.

Outra diferença importante é a dinâmica das relações. Clarice foca nos laços familiares, mostrando como a velhice é vivida no microuniverso da casa e da família. O drama é interno, psicológico. Lygia expande o cenário, e o drama muitas vezes é social, com suas personagens confrontando não apenas a família, mas a sociedade como um todo, com seus preconceitos e hipocrisias.

Demonstramos que a contribuição de cada uma para o nosso estudo é complementar. Utilizamos a visão íntima de Clarice para revelar a agência silenciosa e a visão mais social de Lygia para expor a resistência ativa e os dilemas éticos. Juntas, elas constroem um painel multifacetado da velhice, que se encaixa no que Beauvoir nos afirma: a velhice não é o fim, mas um novo começo, cheio de desafios e possibilidades.

Considerações Finais

A nossa jornada pela filosofia de Beauvoir e pela literatura de Clarice e Lygia terminou, porém, as reflexões que ela provoca continuam. A análise permitiu observar que a velhice na ficção brasileira, quando lida pela lente existencialista, pode ser interpretada fora do âmbito da passividade.

É um palco de agência, de ética e de escolhas que moldam a identidade e o destino das personagens. Podemos afirmar que a nossa análise conseguiu o que propôs: desnaturalizar a velhice como um mero fim e mostrá-la como um campo de batalha existencial no qual a liberdade e a responsabilidade persistem.

A contribuição principal do nosso trabalho é justamente essa: demonstramos como os contos de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles articulam, de maneiras tão distintas, mas também complementares, o conflito entre a liberdade individual e a construção social da velhice. Empregamos a filosofia para iluminar a literatura, revelando que, mesmo em meio às limitações do corpo e às pressões da sociedade, a pessoa idosa continua a ser um sujeito que escolhe, que questiona e que dá sentido à sua própria existência. A velhice, assim, deixa de ser um tema coadjuvante e ganha o protagonismo que merece, como um dos grandes desafios humanos.

É fundamental reconhecer que este artigo tem limitações. A filosofia de Beauvoir, por mais universal que seja em suas premissas, foi formulada em um contexto europeu e pode não dar conta de todas as particularidades culturais do Brasil, especialmente no que se refere a questões de classe, raça e regionalidade. Além disso, escolhemos focar em duas autoras e em textos específicos, o que impede uma generalização total, mas isso, na verdade, é uma linha de força e não, necessariamente, um defeito.

Mas essas limitações não são o fim. Elas são, na verdade, as portas de entrada para futuras pesquisas. Podemos estender essa análise para outras autoras brasileiras, como Rachel de Queiroz ou Nélida Piñon, ou até mesmo para a produção literária contemporânea. E por que não ampliar nosso debate com outras tradições filosóficas e/ou com interseccionalidades, como feminismo negro, demarcando que a experiência de envelhecer também é margeada pela raça (algo que, de certa maneira, Beauvoir fez ao mostrar as diferenças de envelhecimento por classe social)? Isso enriqueceria ainda mais o diálogo sobre a velhice, mostrando a complexidade e a diversidade das experiências humanas e revela um manancial de possibilidades para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO SILVA FILHO, Alberto Luis. O fenômeno do envelhecimento e o sujeito da velhice na obra de Simone de Beauvoir. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.42, p.1–7, 2025. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0293>. Acesso em: 4 nov. 2025.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução: Maria Helena Franco. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- FIGUEIREDO, Cristina. A teoria do sujeito em Judith Butler: O conceito de agência. *Revista de Filosofia Instauratio Magna*, [S. l.], v.4, n.1, p.182–201, 2025. DOI: <https://doi.org/10.36942/rfim.v4i1.1000>. Disponível em: <https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/instauratiomagna/article/view/1000>. Acesso em: 30 out. 2025.
- FURLIN, Marcelo. Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v.16, n.2, p.307-319, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/32198/17172>. Acesso em: 13 abr. 2026.
- GOLDENBERG, Miriam. *A invenção de uma bela velhice: projetos de vida e a busca da felicidade*. 5ªed. Rio de Janeiro: Record, 2025.
- Que é hermenêutica? *Revista NUFEN*, Belém, v.16, e256260, 2024. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912024000100410&lng=pt&nrm=iso.2024. <https://doi.org/10.26823/rnufen.v16i01.25626>. Acesso em: 4 nov. 2025.
- LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- MATOS, Priscila Mikaeli Tavares. *Escritos sobre a velhice feminina em contos de Clarice Lispector: uma análise semiótica*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína, 2021.
- PENHA, João da. *O que é existencialismo*. 11ªed. São Paulo: Brasiliense, 1992. (Coleção Primeiros Passos, 61).

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v.63, n.6, p.1035-1039, nov./dez. 2010.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/9H43x4GWRnd8sJXHYpW6b8x/>. Acesso

em: 13 abr. 2026.

SCHWERTNER, Márcia Regina; BODNAR, Roseli. Trapos que aconchegam: o envelhecimento feminino em Lygia Fagundes Telles. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília, n. 56, e569, 2019. Disponível em:

<https://www.epublicacoes.uerj.br/abusoos/article/view/71052/47451>.

Acesso em: 4 nov. 2025.

TELLES, Lygia Fagundes. *Seminário dos Ratos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

La vejez como experiencia de libertad: una lectura existencial de Clarice Lispector y Lygia Fagundes Telles

RESUMEN

Este artículo propone un análisis literario de los cuentos "Feliz Aniversario", de Clarice Lispector, y "La presencia", de Lygia Fagundes Telles, con el objetivo de investigar la percepción de la vejez más allá del declive biológico. Se busca desnaturalizar la visión simplista del envejecimiento, explorándolo como construcción social y como experiencia de libertad y agencia. El análisis se fundamenta en la filosofía existencialista de Simone de Beauvoir, especialmente en su ensayo *La vejez*, que orienta la comprensión de la identidad en constante renegociación, de la responsabilidad y de la soledad como espacios de autodescubrimiento. La investigación adopta una metodología cualitativa de análisis textual, con un enfoque interdisciplinario que transita entre la filosofía, la literatura y los estudios de género. Se investiga cómo las autoras retratan la vejez como proceso de reafirmación de la autonomía, el cuerpo como historia y agencia, y la tensión entre cuidado y control. Se concluye que la vejez en la ficción brasileña, bajo la lente existencialista, está lejos de ser pasividad: se constituye como escenario de agencia, ética y elecciones que configuran la identidad.

PALABRAS CLAVE:

Clarice Lispector
Lygia Fagundes Telles
Vejez
Existencialismo
Literatura brasileña
Agencia

SUBMETIDO: 9 de fevereiro de 2026 | **ACEITO:** 29 de abril de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
